

Oriundo da Palestina, este prato medicinal contém inscrições em aramaico. É um dos mais antigos “documentos” de relação com a doença de que dispomos em Portugal.



Sem ferramentas para compreender a epidemia e sem conhecimento sobre os germes e o seu papel na doença infecciosa, as sociedades humanas procuravam causas nos céus. “Numa situação de epidemia, quando tudo falha, o último refúgio é a salvação espiritual”, defende João Neto, director do Museu da Farmácia, a instituição portuguesa que possui mais acervo sobre a relação entre a sociedade e a doença. “Não é raro que, em cidades tomadas pela peste, os cidadãos dirijam a sua fúria contra o imperador ou os membros de congregações religiosas que não os souberam proteger pelo exemplo.”

Noutras ocasiões, a fúria dirige-se contra comunidades específicas. O médico Galeno conta que, na Praga Antonina (um provável surto de varíola trazido pelos soldados da campanha da Selêucia no século II d.C.), os ânimos voltaram-se contra os deuses pela quebra do pacto de protecção com os cidadãos de Roma. Em resposta, Marco Aurélio terá sugerido que a doença era um castigo para punir os grupos religiosos que pugnavam pela heresia monoteísta.

Fenómenos idênticos percorreram o mundo ao longo dos vários surtos, por vezes com escandaloso aproveitamento de rivalidades étnicas e religiosas. O romancista Richard Zimler construiu “O Último

Cabalista de Lisboa” precisamente sobre essa tensão entre cristãos e cristãos-novos após um surto de peste em Lisboa, no início do século XVI. A matança que se seguiu foi conduzida em nome da limpeza sanitária.

DESDE O INÍCIO DA PANDEMIA de 2020, a equipa do Museu da Farmácia tem farejado todas as oportunidades para aumentar o acervo com objectos que ajudem a contar para a posteridade a história do surto tantas vezes abordado pela literatura distópica, mas nunca interiorizado. Mal a jornalista Rosário Salgueiro, da RTP, foi presenteada com uma máscara por costureiras portuguesas em Paris, depois de os grandes *ateliers* modificarem as prioridades e iniciarem a confecção de máscaras, João Neto pôs-se em marcha e assegurou o artefacto.

Há igualmente uma patente portuguesa na colecção: a máscara transparente “Be Angel”, desenvolvida pela empresa Elastoni Confecções, para ajudar os surdos a lerem os lábios mantendo a protecção facial. E testes rápidos. E tantos outros objectos. “Não é propriamente o coleccionismo que nos move”, diz João Neto. “É sentirmos que está a ocorrer história à nossa frente e que temos obrigação de resgatar alguns pedacinhos que ajudem a contá-la mais para a frente.”



Desse ponto de vista, os primeiros *kits* para testes rápidos são tão espectaculares como a máscara alemã do século XVII que abre o espaço expositivo do Museu em Lisboa. Charles de Lorme, médico de Luís XIII, é habitualmente creditado pela invenção desta indumentária, tão extravagante como inútil. Ela fala-nos de uma crença na poluição do ar como causa principal para a doença. Chegaram a ser tão abundantes que se tornaram ícones dos “médicos das pragas” na *comedia dell arte* e no Carnaval veneziano. “Se a doença é uma praga venenosa que pode desequilibrar os humores ou fluidos corporais, a máscara estanque é entendida como proteção”, diz João Neto.

Em muitos modelos, ela dispunha de perfumadores junto do nariz com um composto de mais de cinquenta ervas e especiarias, incluindo a canela, o mel ou a mirra. Purificado o cérebro, o médico “fardado” já poderia visitar os doentes. O sinistro bastão que acompanha muitas destas máscaras completa o quadro mental da época. “Esticado, mantinha o doente a uma distância respeitável – de algum modo, era o distanciamento social da época”, diz João Neto.

TEMOS ALGO A APRENDER com o estudo de velhas pragas. Apesar da sofisticação, não aprendemos tanto quanto isso. Na Praga de Justiniano, Constantinopla

Marcas de respostas inventivas a novos problemas de saúde. No topo, uma máscara desenvolvida para surdos conseguirem ler os lábios. Em cima, dois exemplos de testes rápidos para a COVID-19, desenvolvidos por empresas portuguesas.

teve conhecimento, com dois anos de antecedência, da praga que já circulava na Europa. Nada fez para mitigar a onda que se formava no horizonte. Fará esta velha história soar alguma sineta de alarme?

Escrevendo sobre a peste negra do século XIV (que, aliás, só se tornou negra com os cronistas do século XIX – antes era apenas a “Pestilência”), Giovanni Bocaccio relatou o caso de alguns pequenos grupos que responderam à emergência de forma peculiar. Afastaram-se, recusando contacto com qualquer doente. Proibiram até as referências verbais à doença e aos doentes. A doença não entrava pelo ar, pela porta ou pelos ouvidos...

Nos últimos 150 anos, aprendemos muito sobre as epidemias e os agentes patogénicos. Descobrimos até que a Praga de Justiniano foi causada pela bactéria *Yersinia pestis*, algo impensável na Antiguidade. Conhecemos o mundo microscópico e a ciência avançou. Raspando a superfície, porém, continuamos a encontrar velhas superstições que nos ligam ao prato aramaico do século IV e à máscara de bico de pato. □